



CAPOEIRA DAS ESCOLAS



Foto: Matheus Landim/GOV.BA

MOVIMENTO, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE



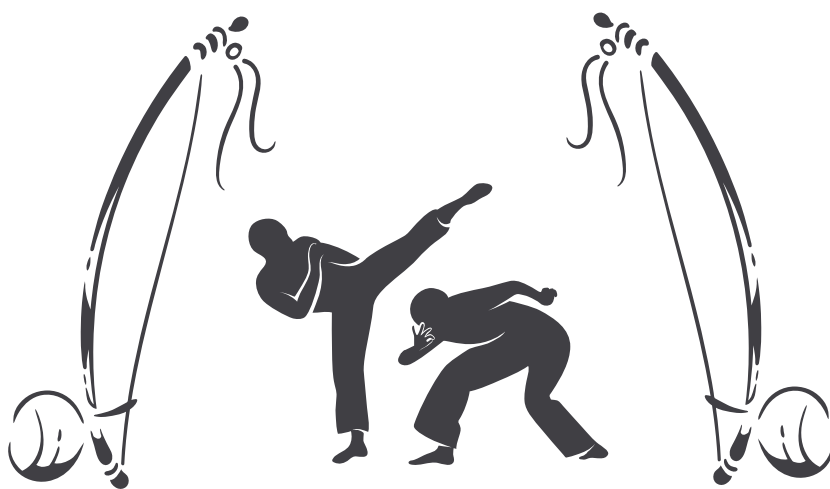
CEARD
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DIVERSIDADE

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

GOVERNO
PRESENTE
**TRABALHA
PRA GENTE**

"CAPOEIRA é a arte de fazer amigos"

Mestre Ezequiel



Governador do Estado da Bahia
Jerônimo Rodrigues

Vice-Governador do Estado da Bahia
Geraldo Júnior

Secretária da Educação
Rowenna Brito

Chefe de Gabinete
Luciana Menezes Silva

Superintendente de Políticas para a Educação Básica – SUPED
Helaine Pereira de Souza

Diretor de Execução de Políticas para a Educação Básica – Diex
Fábio Fernandes Barbosa

**Coordenadora de Educação Antirracista, Relações Étnico-Raciais e
Diversidade – CEARD**
Carla Maria Ferreira Nogueira

Equipe Técnica – CEARD
Adarlene Santos Silva
Caroline de Jesus Souza
Larissa Ferreira Gonçalves
Manuela Veríssimo Santana
Neuber Leite Costa

Equipe de Elaboração
Neuber Leite Costa (Mestre Soldado)
Carla Maria Ferreira Nogueira
Fábio Fernandes Barbosa

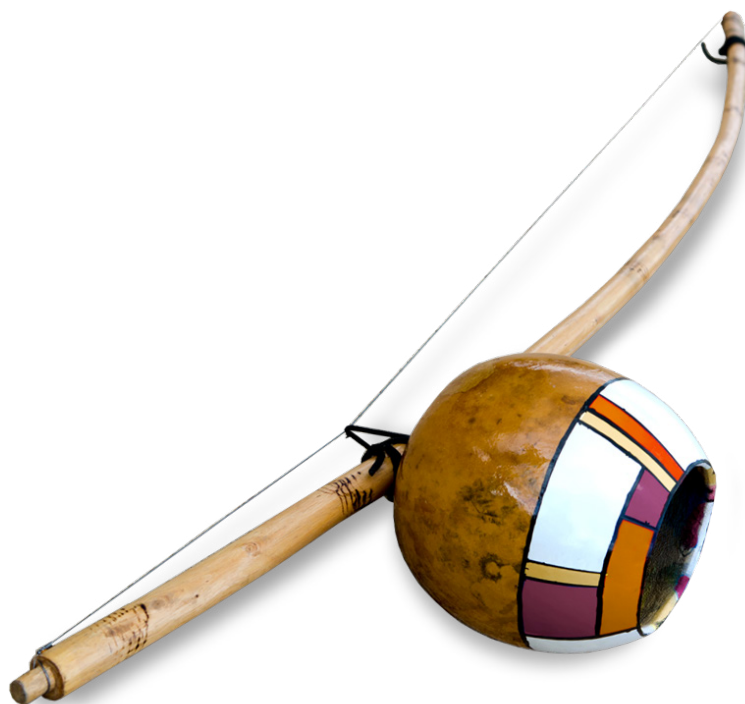
Diagramação
Natasha Morgado – ASCOM/SEC



Ficha catalográfica

SUMÁRIO

1. VAMOS COMEÇAR A BRINCADEIRA	PÁG 7
2. TIRA DAQUI, BOTA ALI. TIRA DE LÁ, BOTA CÁ	PÁG 9
3. TROCA AS MÃOS PELOS PÉS	PÁG 10
4. EU VOU LER, O B-A-BA	PÁG 12
4.1. QUEM NÃO CONHECE A CAPOEIRA, NÃO PODE LHE DAR SEU VALOR	PÁG 12
5. SOU DISCÍPULO QUE APRENDO, SOU MESTRE QUE DOU LIÇÃO	PÁG 13
6. SE QUISER APRENDER TUDO ISSO	PÁG 24
7. ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM!	PÁG 29
8. Ô, MESTRE, ONDE EU POSSO TE ENCONTRAR?	PÁG 30



“VAMOS COMEÇAR A BRINCADEIRA”¹

A capoeira é uma manifestação afro-brasileira reconhecida como patrimônio cultural, desde 2006, pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Em 2008, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu como patrimônio imaterial do nosso país a roda de capoeira e o ofício dos mestres. No ano de 2014, a roda de capoeira recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Nesse contexto, as instituições envolvidas e a comunidade da capoeira avançam com os debates referentes às ações de salvaguarda dos bens culturais e uma das demandas mais discutidas entre seus detentores, comprometidos com a preservação de seus princípios, fundamentos e tradições, é a possibilidade de inserir a capoeira na escola ministrada por capoeiristas, conforme destaca Costa (2013).

Com a aprovação e a regulamentação da lei nº 14.341/2021 – Moa do Katendê, que dispõe sobre a salvaguarda e o incentivo da capoeira no Estado da Bahia, e via Decreto nº 23.204/2024, do governador Jerônimo Rodrigues, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA) instituiu, através da Portaria 1381/25, o Projeto Capoeira das Escolas: movimento, identidade e ancestralidade nas unidades escolares da rede estadual de ensino.

A responsabilidade para a execução do projeto está a cargo da Superintendência de Políticas para a Educação Básica (SUPED), através da Diretoria de Execução das Políticas para a Educação Básica (DIEEx), via Coordenação de Educação Antirracista, Relações Étnico-raciais e Diversidade (CEARD) e os 27 Núcleos Territoriais de Educação (NTE).

Não há dúvidas quanto ao potencial educativo da capoeira que, no nosso estado, encontra-se no âmbito escolar privado desde a década de 1950 (Campos, 2001). Todavia, acontece um descompasso quando falamos de sua inserção na esfera pública estadual, onde percebe-se ações pontuais, com descontinuidade e/ou sem contemplar os detentores desse patrimônio – os mestres e mestras² da capoeira.

Nas escolas públicas baianas, a capoeira compõe conteúdo em componentes como Educação Física, História, Arte, conforme Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) e como modalidade esportiva que pode ser ofertada pelo professor(a) de Educação Física, para complementação de carga horária. Nos

¹ Música Domínio Público (DP)

diversos projetos curriculares ou não, tanto de âmbito federal como estadual e inclusive, de maneira informal no turno noturno, sendo o espaço da escola utilizado pela comunidade (Bahia, 2025).

Contudo, essas práticas implementadas até o momento não consideravam as pessoas que as mantêm vivas, tampouco valorizavam e reconheciam o trabalho desses educadores e produtores de cultura, reduzindo o desenvolvimento da temática na escola pública ao componente Educação Física, a projetos pontuais e a determinados dias festivos.



Foto: Matheus Landim/GOVBA



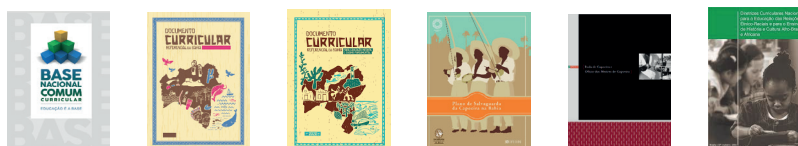
2 “TIRA DAQUI BOTA ALI, TIRA DE LÁ BOTA CÁ”³

Inserir a capoeira na escola, através de um projeto que eduque a partir de seus fundamentos, significa valorizar os mestres e mestras dessa arte que tanto contribuiu com a construção da cultura baiana e brasileira. Além de criar a possibilidade de romper com o paradigma eurocêntrico do modelo educacional que ainda permanece no contexto baiano, construindo formas alternativas de pensar a educação, conforme afirmou Costa (2013). Trata-se, também, de uma estratégia de fortalecimento das leis 10.639/03 e 11.645/08, pois o projeto atende, parcialmente, a ação 63 do Plano de Salvaguarda da Capoeira na Bahia que visa:

Potencializar e garantir a implementação da capoeira regional, capoeira angola e outras vertentes no currículo das escolas públicas e privadas, nos Programas de Educação Integral já existentes, tendo como base a Lei Estadual nº 13.182, parágrafo único do artigo 41, como também a Lei 10.639 e Lei 11.645 (Adinolfi, 2018, p. 56).

Nesse sentido, o Projeto Capoeira das Escolas: movimento, identidade e ancestralidade inicia o processo de implantação dessa manifestação na esfera pública escolar no Estado da Bahia. Para isso, faz-se importante dialogar com o currículo e alguns documentos norteadores da educação baiana e brasileira e da capoeira, enquanto manifestação da cultura imaterial que é salvaguardada pelo estado brasileiro. Indicamos abaixo os documentos direcionadores que, entre contradições e consensos, estabelecem ‘um jogo’ de saberes, concepções e ideias:

- a. Base Nacional Comum Curricular (BNCC);
- b. Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB);
- c. Plano de Salvaguarda da Capoeira na Bahia;
- d. Inventário para o Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil;
- e. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.



² Aqui, também, nos referimos a outros estágios de graduação e títulos de capoeira que possuem reconhecimento e autoridade para ministrar aulas dessa manifestação.

³ Música de Domínio Público (DP).



“TROCA AS MÃOS PELOS PÉS, OS PÉS PELAS MÃOS”⁴

O projeto Capoeira das Escolas: movimento, identidade e ancestralidade é para ser implementado nas unidades escolares dos 27 NTE. A capoeira será trabalhada nas escolas estaduais como um processo de formação complementar educacional e cultural. Sendo assim, a proposta fundamenta em perspectivas afrocentradas, com ênfase nos princípios, fundamentos, tradições e valores africanos e afro-brasileiros, sem distinção de escolas e estilos de capoeira.

Importante destacar que o diálogo com a afrocentricidade, defendida por Asanti (1988), necessita ser adequada para a nossa realidade brasileira, entendendo que somos afro-brasileiros(as) em diáspora, com cultura e especificidade divergente da cultura africana contemporânea e que quando se destaca os princípios, fundamentos, tradições e valores africanos e afro-brasileiros, referencia-se costumes, modos e fazeres, em especial, das culturas bantu e sudanesas que ajudaram a desenvolver o que denominamos de cultura baiana.



Dessa forma, o projeto utiliza os conceitos de centralidade e agência para direcionar suas intervenções formativas nas unidades escolares da rede estadual de ensino, compreendendo a necessidade de enfrentamento a determinados conhecimentos presentes na cultura escolar. É imperativo, colocar as demandas e necessidades do território, em seu sentido mais amplo e da cultura baiana no centro da formação dos(as) estudantes.

⁴ Música do cantor e compositor Tonho Matéria

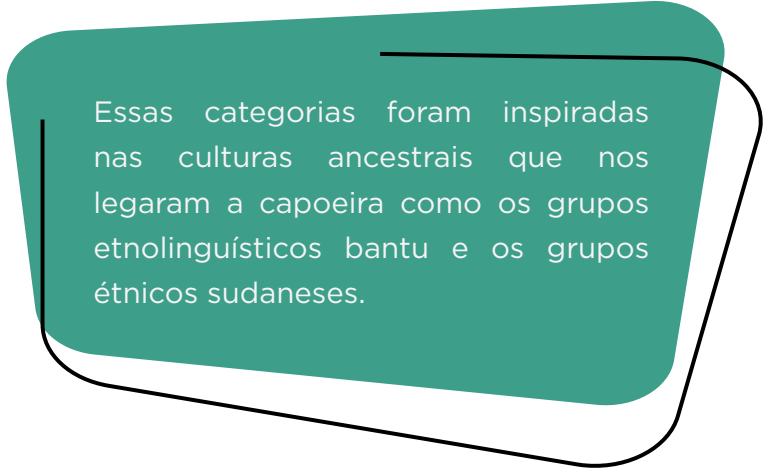
A agência diz respeito à condição da comunidade escolar e da cultura que alicerçam a base dos(as) estudantes se reconhecerem como partícipes da história e potenciais produtores(as) de conhecimento, com competência para decidir, transformar e com capacidade de construir e promover currículo, conhecimento e formação, sob a égide da lógica afro-brasileira e afro-baiana.

Não é intenção do projeto, formar capoeiristas nem reproduzir modelos específicos de estilo e aulas/treinos de escolas e ou academias de capoeira, muito menos enfatizá-la em uma lógica gímnica ou esportiva de alto rendimento. O trato com esse conhecimento deve se basear nos próprios fundamentos da capoeira, com ênfase na cultura, proporcionando aos(às) estudantes um letramento corporal, entendendo a capoeira como um fenômeno cultural.

A base do processo de ensino-aprendizado do projeto é pautada a partir das contribuições de Trindade (2005) e Sodré (2017), adaptando-os às especificidades da ação. Desse modo, são dez categorias que classificamos aqui como basilares para a construção das práticas pedagógicas e formativas do projeto: ancestralidade, senioridade, oralidade, musicalidade, circularidade, memória, sacralidade, corporeidade, cooperativismo/comunitarismo e alacridade.



IMPORTANTE



Essas categorias foram inspiradas nas culturas ancestrais que nos legaram a capoeira como os grupos etnolinguísticos bantu e os grupos étnicos sudaneses.

É com o propósito de afrocentralizar a escola, destituindo sua eurocentralidade e aproximando a educação do *ethos* baiano, que a capoeira entra na roda iniciando o *jogo*⁵ com o currículo formal, com a BNCC, com o DCRB e com o conhecimento científico. É na compreensão da necessidade de combater o vazio da desinformação e de corrigir os desvios históricos que se vislumbra a possibilidade de alcançar a equidade e aguçar o entendimento sobre a realidade.

⁵ Utilizamos termos da própria capoeira para informar a troca de conhecimentos, com ênfase na circularidade

“EU VOU LER O BÊ-Á-BÁ”⁶

O projeto tem como objetivo implementar a capoeira como oficina educativa nas unidades escolares públicas estaduais, em todos os NTE, enfatizando uma educação afrocentrada focada nos princípios, fundamentos, tradições e valores africanos e afro-brasileiros, fortalecendo a aplicabilidade das leis 10345/03 e 11645/08, promovendo a cultura da paz, uma educação antirracista e para as relações étnico-raciais.

4.1 Quem não conhece a capoeira, não pode lhe dar valor⁷

- ▶ Contribuir para a melhoria das capacidades integrais (físicas, motoras, psicológicas, cognitivas e de sociabilidade) dos(as) estudantes;
- ▶ Difundir a capoeira como manifestação cultural afrocentrada, mundialmente conhecida entre as crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas idosas estudantes;
- ▶ Promover reflexões sobre a importância da prática e preservação da capoeira;
- ▶ Estimular a cultura da paz, a inclusão e a participação de estudantes e membros da comunidade local em rodas de capoeira.



Pandeiro - Imagem gerada por IA

⁶ Música de Mestre Pastinha

⁷ Música de Mestre Pastinha



“SOU DISCÍPULO QUE APRENDO, SOU MESTRE QUE DOU LIÇÃO”⁸

Os princípios pedagógicos do Projeto Capoeira das Escolas: movimento, identidade e ancestralidade se constituem em dez categorias adaptadas a partir dos pensamentos de Trindade (2003) e Sodré (2018).

Ancestralidade

Empregaremos o entendimento de ancestralidade, conforme destaca Oliveira (2003), entendendo-a como uma categoria analítica, um conceito-chave produzido a partir do território que produz signos de cultura. No caso da capoeira, a referência de fundamento e princípio vem da cultura e continente africano, na medida que essa manifestação emerge a partir da diáspora, seu sentido e significado vai se constituindo na lógica afro-brasileira.

Não há dúvidas que a capoeira é uma manifestação de luta, de resistência desenvolvida no Brasil e possui seu alicerce nas culturas bantu e sudaneses (especificamente o grupo étnico africano nagô), ressignificadas a partir das relações estabelecidas com as culturas europeias e indígenas .

Ancestralidade se apresenta aqui como uma categoria de autorreconhecimento ontológico e cultural do ser negro. É valorizar quem veio antes, olhar para trás para compreender e ter consciência das potencialidades da história e da diáspora. É notório na capoeira, a referência aos antigos mestres que tanto contribuíram para a manutenção da capoeira na sociedade, durante seu processo histórico .

A memória é o caminho para ativar a ancestralidade, utilizando-se dos recursos escritos, musicais, imagéticos, orais e as constantes deferências. É na ancestralidade, também, que se perpetua o processo de ensino-aprendizagem. Os ensinamentos e legados através dos recursos ativados pela memória e pelas mídias (discos, vídeos, gravações, entre outros) são experiências formativas que instrumentalizam a possibilidade de perpetuar as tradições, modos e fazeres na capoeira.

⁸ Música de Mestre Suassuna e Dirceu

Senioridade

Na capoeira, a perpetuação dos seus princípios, fundamentos, tradições e valores está diretamente atrelada aos(as) mais velho(as), sendo a experiência um fator importante para o processo de ensino e aprendizado. A senioridade, conceito que remete à experiência e à maturidade, atrela-se indissociavelmente ao conceito de autoridade e sabedoria. Dessa forma, a responsabilidade da transmissão, salvaguarda e perpetuação dos conhecimentos se torna função do(a) mais velho(a), daquele que já vivenciou e passou pela experiência.

Para a cultura africana, envelhecer é um presente não somente para o indivíduo, mas, também, para os(as) mais novos(as) e toda a comunidade. Os(As) mais velhos(as) detêm a memória, possuem experiência e conhecimentos adquiridos através das suas vivências cotidianas. Todo esse acúmulo que foi compilado na memória corporal de mestres e mestras, tornando-se um rico e imensurável acervo vivo.

Na cultura popular, em geral, há sempre uma figura fundamental, responsável pelos processos envolvendo a memória coletiva: a figura do mestre. Os mestres exercem um papel central na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social no âmbito da cultura popular, caracterizando, assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão. Recorremos à tradição grega para melhor argumentarmos sobre a função do mestre na cultura popular (Abib, 2006, p. 91).

Valorizar a senioridade, todavia, não é desconsiderar a juventude, as novas experiências, ou os(as) mais novo(a). A capoeira também acompanha a contemporaneidade e se ressignifica, todavia com cautela e resistência, pois, nem sempre a novidade é sinônimo de evolução. A incorporação de novas tradições, formatos e modos precisa ser acompanhada com muito cuidado e zelo, para que o(a) capoeirista não se torne um(a) mero(a) reproduzidor(a) e a capoeira não se transforme em mera atividade física, prática esportiva, atividade acadêmica ou uma simples luta competitiva.

Vivemos em uma sociedade etarista que exclui, discrimina e desvaloriza os mais velhos. Quando a capoeira, através do seu processo pedagógico, educa para a senioridade, estabelece um enfrentamento a esse paradigma. Dessa forma, ao desenvolver esse valor na formação integral dos(as) estudantes da rede pública estadual, a capoeira contribui para a formação de uma sociedade mais sensível às diferenças.

Oralidade

A oralidade é uma das primeiras formas de acessar o conhecimento, conforme destaca Chiziane (2019), mas que se convencionou a denominar de empírico ou popular. Trata-se de um dos mais antigos tipos de conhecimentos e que se faz muito importante para o processo de desenvolvimento da humanidade.

No ensino da capoeira, a oralidade funciona como a forma primordial de transmissão de seus conhecimentos. Vale destacar que, na contemporaneidade, podemos recorrer a diversas estratégias tecnológicas para educar; contudo, manter e valorizar as práticas tradicionais continua sendo fundamental, sobretudo quando se trata de uma atividade considerada patrimônio imaterial e protegida por mecanismos de salvaguarda. A oralidade se relaciona com a senioridade, sendo através da transmissão dos conhecimentos dos(as) mais velhos(as) que se consolida essa premissa.

[...] assegura um processo educacional milenar, formando pessoas numa prática que se realiza no cotidiano, afirmando o orgulho do pertencimento étnico, cultivando formas de vida comunitárias, integradas, em certa medida, à dinâmica social das sociedades contemporâneas, sem perder de vista marcas africanas que perpassam valores, crenças, costumes, tradições (Sousa, 2005. p. 8).

Não há salvaguarda sem a preservação da oralidade e sem o entendimento da sua importância. Com isso, não significa dizer que outras formas e possibilidades não serão levadas em conta, todavia, essa é a principal forma de transmissão de saber na capoeira.

Na escola, a capoeira estabelecerá, através do conhecimento empírico, um diálogo com o conhecimento científico, na medida em que tentará estabelecer convivência e respeito entre essas possibilidades de repasse e perpetuação de saberes.



Musicalidade

A música e seus elementos compõem uma arte e um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos da nossa formação cultural. A cultura musical, envolve instrumentos, dança, corporeidade, oralidade, sensibilidade, criatividade, alacridade, ritmo e ritual.

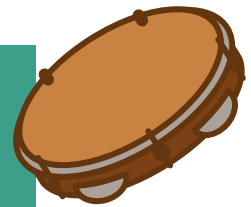
Ao que parece, a musicalidade é intrínseca ao ser humano, para os Tupinambás e Tupy-Guaranis que possuem percepções de mundo semelhantes à cultura africana, “quando o corpo está preso, dançar espanta más águas” (Jacupé, 2020, p. 30). O autor afirma que os Tubuguaçús entendem o espírito como música. Para os bantus e sudaneses a musicalidade se confunde com a humanidade. Cantar, dançar, trabalhar, jogar, lutar, ritualizar e sacralizar não se separam. Tudo se confunde em práticas humanas e em suas relações tanto com a natureza, como com outros seres humanos.

Para as culturas africanas que contribuíram com a nossa formação, música é vital e, conseqüentemente, a corporeidade e o movimento, também. Exercem centralidade imprescindível para a memória, a alacridade e a identidade, enfim, para a existência humana.

Manifestações que se localizam e possuem agência na perspectiva africana, como samba, maracatu, jongo e capoeira pousem traços musicais marcantes, significativos e com sentidos de mundo. Na capoeira, a musicalidade, assim como os toques dos instrumentos incidem diretamente no corpo que joga, orquestrando o ritmo que o(a) capoeirista deve seguir. A sintonia entre a música, o ritmo, o rito e a gestualidade do jogo “territorializa sacralmente o corpo do indivíduo” (Sodré, 2002, p. 136).



Um movimento puro e ostensivo.
Palpita
Sobre nossos corações.



Oh, Capoeira!
Quem te olha mal.
Não sabe que a vida tua
É uma união.

Movida sobre uma necessidade.
Concreta sempre distingue da razão.

Se a tua força
Dá luz a um corpo.
Velho ou moço.
É lindo, eu digo: - Então.

Vamos capoeirar.
A capoeira é vida!
Vamos capoeirar
A fonte do saber.

Composição: Tonho Matéria

Através das letras das músicas, o(a) capoeirista informa o estado (clima) do jogo, a lembrança de algum antepassado, situações históricas e, também educa. Na capoeira, a musicalidade pode se tornar um instrumento de educação e formação. Assim como acontece com o jogo da capoeira, aprende-se cantando e canta-se aprendendo.

Circularidade

Na capoeira, a circularidade está presente no momento mais importante do seu aprendizado: “A roda é a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, é dinâmica e se encontra em constante movimento, também é um momento de muitos rituais” (Costa, 2023). Contudo, esse princípio se encontra no cotidiano, nas vivências, experiências adquiridas e no ciclo da vida.

A roda representa o conhecimento constante, remete ao movimento, à renovação e ao processo. Lembra-nos que estamos a todo momento aprendendo e ensinando. A circularidade africana, transcende a ideia de círculo geométrico, eurocêntrico e deve ser entendida também de forma espiralar.

A circularidade nos lembra que a educação é uma via de mão dupla, aprende-se e ensina-se, quebra o paradigma das arquiteturas quadradas e fechadas das escolas, que como destaca Foucault (1997), constituíram-se e, ainda, se constituem como estruturas de controle de corpos e, conseqüentemente, do saber.

O círculo tem a qualidade de não excluir e suas primeiras características são a integração e a horizontalidade (Oliveira, 2003, p. 268). Se observarmos, a roda de capoeira é um local de transmissão de conhecimento, ao passo que também é o espaço da síntese do processo de ensino-aprendizagem.

O movimento do jogo, na roda de capoeira, pode ser comparado com os estágios da dialética – tese, síntese e antítese. Quando o jogo se inicia o(a) capoeirista através do movimento pode, por meio de uma afirmação inicial (tese), impor ao companheiro de jogo, a necessidade de reação.

Esse movimento proveniente de uma resposta ao jogo, pode ser considerado como uma negociação, negaceando ou se opondo ao primeiro movimento (antítese). Por fim, a resolução desse emaranhado de movimentos de pernas, braços e cabeça emerge na síntese que pode ser a resolução ou a proposição. O jogo de capoeira é dialógico e dialético.



Memória

No livro *O Desaparecimento dos Rituais*, de Byung-Chul Han (2021), o autor chama a atenção para comportamentos do que denominou de sociedade de rendimento. O autor destaca a repulsa aos rituais e denuncia uma pobreza de simbologia, que gera uma ausência de subjetividade.

Ao destacar que os rituais propiciariam ressonâncias verticais (com os deuses), horizontais (com a sociedade) e diagonais (com as coisas), o autor alerta sobre a importância, também, da sacralidade e da relação do ser humano com a natureza, pois, no empobrecimento desse processo, esvaziam-se os ritos .

A memória funciona como uma mantenedora e protetora dos rituais e do conhecimento. Ela está presente no processo formativo, na musicalidade, no corpo-território dos mais antigos, na oralidade, na ancestralidade e na sacralidade, pois sem memória, não há salvaguarda. Sendo assim, os(as) detentores(as) dos bens patrimonializados, precisam preservar a memória.

Em uma perspectiva afrocentrada, a perda da memória significa o afastamento da centralidade que está diretamente ligada à identidade e à consciência. Sem independência e capacidade de se reconhecer como produtor de cultura, o sujeito se torna passivo, dependente e desempoderado, comprometendo, dessa forma, sua agência. Sendo assim, a memória é fator fulcral para o processo de ensino-aprendizagem da capoeira em uma perspectiva afrocentrada com o objetivo de promoção da autoestima .



Sacralidade

Nas sociedades mais antigas, bem como em África, a relação com a natureza não se desconecta com a humanidade. Esse princípio presente nas nossas heranças ancestrais deixadas pelos africanos no Brasil, encontra-se, também, na capoeira e serve para lembrar que precisamos estar integrados(as) à natureza (somos natureza), caso contrário não há humanidade.

No caso específico da capoeira, cuidar e preservar a natureza, além de ser sagrado é fundamental para a sobrevivência da humanidade e significa a manutenção da matéria prima dos instrumentos dessa manifestação (biriba, couro, sisal, sementes, palha, etc.).

No DCRB do Ensino Médio, a palavra meio ambiente aparece 111, o sentido central do trato com esse conhecimento se consolida sempre na direção da relação humanidade e natureza e sobre a importância do cuidado e da sua preservação. Nesse sentido, o projeto alinha-se completamente ao documento direcionador da SEC.

Todavia, esse princípio não se encerra no próprio conceito de sacralidade, amplia-se e se completa na categoria de corporeidade africana, uma vez que corpo é entendido como parte da natureza, ou seja, vem dela e retorna a ela. Todo e qualquer corpo é sagrado: o corpo negro, o corpo indígena, o corpo em suas mais diversas constituições de gênero, o corpo neurodivergente, enfim, todo corpo precisa ser respeitado e valorizado.



Corporeidade

A corporeidade se atrela ao modo de se expressar com o corpo nas civilizações bantu e sudaneses. O corpo é de extrema importância para o desenvolvimento humano. Aprendemos com o corpo e ao contrário do que propagou o eurocentrismo, através das ideias cartesianas, ainda hoje reproduzidas pela escola e sociedade, ele não deve ser encarado de forma dicotômica, muito menos mecânica, mas sim, como uma unidade conectada com a natureza, com o território e em sua totalidade/integralidade .

Quando praticamos capoeira, o nosso corpo pensa, joga, dança, brinca e luta. Nas culturas mais antigas em África, não existe separação entre o que denominamos, hoje, de cultura corporal. Jogar capoeira significa tudo isso, sem distinção. A forma como o nosso corpo se conecta com a musicalidade, o jeito como nos comportamos frente a uma pessoa mais velha (mestre ou mestra), como nosso corpo se relaciona de forma acolhedora com os diversos tipos de corpos, também, são uma herança africana.

“A cabeça do ser humano é a sede dos sentidos, da inteligência, da memória, do consciente e do inconsciente. É a cabeça que nos move e governa” (JACUN, 2015, p. 25). Na cultura nagô – yorubana, Orí óde é a cabeça física, onde se encontram os sete buracos que promovem a percepção de mundo e desenvolvem sentidos como a visão, audição, olfato e paladar. Acrescentando o tato, que é percebido pelas mãos (owó) ou corpo todo, identificamos o receptáculo do aprendizado da capoeira .

A cabeça é onde encontramos os principais veículos de comunicação para os nagôs. Não somente a fala que consolida a palavra, mas é através da boca que o processo de educação, através da oralidade acontece. Também como comunicação e formação, observamos os pequenos gestos, expressões faciais e olhares que se encontram presentes na roda de capoeira. Através do olhar do mestre ou da mestra, o discípulo de capoeira estabelece uma leitura corporal e compreende o não dito.

Para desenvolver uma capoeira conectada com os princípios e fundamentos africanos precisamos explorar todos esses sentidos e entender o corpo como parte do planeta, e que tem energia vital que para se humanizar precisa estabelecer esses nexos com os outros e a natureza .



Cooperativismo/Comunitarismo

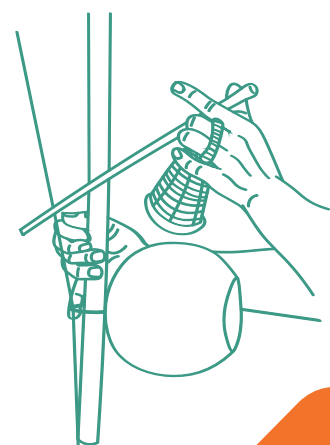
A cultura da capoeira é de origem coletiva. Como já destacamos, tanto seus princípios quanto seus fundamentos são africanos. As etnias que chegaram ao Brasil durante o período da escravização, assim como o cotidiano da colônia, exigiam a organização e a convivência em coletivos, inicialmente para a preservação das tradições, a sobrevivência e a resistência cultural, e posteriormente em prol da conquista da liberdade.

A capoeira é cooperativismo/comunitarismo e exige para sua manutenção e perpetuação, coletividade. Não obstante, a forma de organização dessa manifestação se constitui em agremiações, como grupos, associações, coletivos, entre outros. Na convivência comunitária, é comum reconhecer ações coletivas e individuais altruístas. Na sociedade contemporânea, esse valor é atacado constantemente, pois, a individualidade, é reforçada e amplamente divulgada.

Perpetuar o valor cooperativismo/comunitarismo, através da capoeira no processo educativo formal, além de ser um ato de resistência, constitui-se em esperança da construção de uma sociedade mais humanizada, que se preocupa tanto com o indivíduo como com o coletivo. Essa reflexão é registrada, também, no DCRB: “Assim, a lógica colaborativa se contrapõe ao modelo escolar hegemônico, organizado na perspectiva da aprendizagem atomizada e individual, sob a tutela de uma autoridade validadora” (Bahia, 2022, p. 92).

Exercitar a cooperação/comunitarismo é educar para uma sociedade mais acolhedora. O modo de produção da contemporaneidade nos afasta enquanto coletivo e exalta as individualidades. Sendo assim, a capoeira como uma possibilidade educativa que trabalha outros contextos, através do fortalecimento da comunidade, corrobora e fortalece os documentos oficiais educacionais da Bahia.

PARANÁQUE



Alacridade

A alegria, a celebração, a liberdade e a vivacidade expressam-se em corpos mais novos e mais velhos, é uma característica das manifestações da cultura africana que está presente na capoeira e precisa ser preservada. A roda é uma festa, uma celebração, um encontro, é sagrada e torna-se o momento mais importante da capoeira.

Celebrar a vida é uma das principais características herdadas pelos ancestrais, que, também, são celebrados cotidianamente nas rodas de capoeira.

Entretanto, a alacridade/alegria enquanto modo fundamental da Arkhé nagô não é um afeto circunstancial – portanto, nada que nasça e morra ocasionalmente – porque, como regime concreto e estável de relacionamento com o real, é uma potência ativa. [...] a alacridade não é incompatível com a ideia de amor de si mesmo (diferente das noções de “amor-próprio” e “egotismo”), que se pode entender como a tração da consciência na direção dos objetos que a integram harmonicamente consigo própria com o grupo que lhe é constitutivo, um sentimento positivo descrito por Rousseau como “amável e terno” (Sodré, 2017, p. 176).

Mais do que alegria, alacridade é singular e concreta, é princípio e fundamento de um ethos africano, que a capoeira perpetua, estabelecendo um embate com conceitos colonizadores que superficializa experiências.

Na roda, as experiências são intensas e profundas, a musicalidade tem sentido e significado. Tanto a roda quanto a musicalidade se relacionam com a alacridade que, por sua vez, dialoga com o conceito de vitalismo.





“SE VOCÊ QUISER APRENDER TUDO ISSO”⁹

Antes do processo de implementação do projeto, a SEC executou uma ação de mapeamento das(os) capoeiristas da Bahia, que teve como objetivo (re)conhecer todos(as) os(as) praticantes que atuam no Estado (independente de estilo, nível ou graduação), além de identificar profissionais de capoeira interessados(as) em atuar no projeto.

As informações coletadas ajudarão os NTE e as unidades escolares a ter acesso aos(as) profissionais de capoeira do território, contribuindo para o processo de salvaguarda da capoeira na Bahia e, principalmente, a introdução dos(as) estudantes ao universo da capoeira, promovendo o conhecimento sobre sua história, cultura e práticas, além do desenvolvimento de habilidades motoras, sociais e cognitivas, através da prática da capoeira nas escolas.

O Projeto Capoeira das Escolas: movimento, identidade e ancestralidade, prevê 6 (seis) ações para sua implementação:

AÇÃO 1

Oficinas Educativas

O formato de intervenção da capoeira no âmbito escolar deve seguir o modelo de ensino pautado na preocupação com a formação integral do ser humano, nas suas múltiplas dimensões e na perspectiva omnilateral, conforme destacado no DCRB (2022). Metodologicamente falando, os(as) capoeiristas deverão trabalhar com mídias, aulas participativas, debates, palestras, dentre outras possibilidades. As experiências com as técnicas precisam contemplar as dimensões da capoeira, levando em consideração, principalmente, a Capoeira Angola e a Capoeira Regional.

Importante destacar que nessa perspectiva, as especificidades dos grupos e associações devem se configurar em segundo plano, pois os(as) estudantes que participarão da experiência, inicialmente, não fazem parte dos respectivos grupo e associações dos(as) capoeiristas. Vale observar, que os(as) estudantes da escola, fortuitamente, podem ser capoeiristas com filiações distintas e que têm a oportunidade de experienciar sua cultura na escola, através da capoeira enquanto recurso pedagógico formativo afrocentrado.

⁹ Música de Mestre Soldado

Os conteúdos e recursos se aproximam das aulas em academias e espaços de capoeira, contudo, a metodologia, a avaliação e principalmente o objetivo final, possuem outra formatação, dialogando com a estrutura da escola e seus documentos, estabelecendo avanços quanto ao modelo educacional vigente.

Além das técnicas de movimentação da capoeira, os(as) estudantes necessitam aprender a história, a senioridade, as músicas, os toques de instrumentos, os rituais, princípios, fundamentos, tradições e valores dessa manifestação e estabelecer nexos com a sociedade contemporânea e seus desafios, analisando temas como o racismo, a diversidade, a apropriação cultural, a salvaguarda, dentre outros .

AÇÃO 2

Formação

Com vistas à qualificação do(a) profissional de capoeira que desenvolverá as oficinas nas unidades escolares, bem como sua aproximação ao universo educacional formal, faz-se importante uma formação, tendo em vista que o universo escolar tem uma formatação própria.

Os(As) capoeiristas treinéis, professores(as), contramestres(as) e mestres(as) deverão acessar as ideias basilares do projeto, conhecer documentos orientadores da educação no estado, acessar outras possibilidades pedagógicas de ensino e incorporarem à sua didática.

Educar é um constante aprendizado e no contexto atual, em que as informações se multiplicam e aparecem com uma velocidade maior e seu acesso se amplia, mas nem sempre com qualidade, faz-se imprescindível que os(as) formadores(as) se mantenham atualizados(as), em estudo e acompanhem as inovações educativas e tecnológicas, bem como atentem para as demandas da juventude.

AÇÃO 3

Material Pedagógico - Kit Ginga

Para a implementação do projeto, as unidades escolares deverão disponibilizar espaço adequado para a realização das vivências e material pedagógico adequado para a realização da atividade. Através de descentralização, via Fundo de Assistência à Educação (FAED), as unidades deverão adquirir o Kit GINGA básico, com os seguintes materiais pedagógicos:

- a. 3 berimbaus completos (com caxixi e dobrão);
- b. 2 pandeiros;
- c. 1 atabaque completo (com pé);
- d. 1 reco-reco;
- e. 1 agogô;
- f. Materiais para reposição (aços [20] – pele de pandeiro [5] – couro de atabaque [3] – baqueta berimbau [10]).



AÇÃO 4

Acompanhamento

A DIEx, através da CEARD executará estratégias de acompanhamento com os 27 NTE, no sentido de fortalecer a presença da capoeira na escola, levantando dados para o processo avaliativo e qualificação pedagógica dos(as) capoeiristas. Um instrumento de acompanhamento será aplicado com fins de registrar a visita e obter informações sobre o desenvolvimento das oficinas.

AÇÃO 5

Fomento ao de Regime de Colaboração

Tendo em vista o disposto na Lei Estadual nº 14.341/2021 – Lei Moa do Katendê – e no Decreto nº 23.204/24, que dispõem sobre a salvaguarda e incentivo da capoeira no Estado da Bahia e reconhecem essa manifestação em todas as suas modalidades e dimensões (dança, luta, esporte, música e cultura afro-brasileira), bem como o parágrafo único que estabelece: “É facultado o ensino da capoeira nas instituições públicas e privadas pelos capoeiristas e mestres tradicionais, pública e formalmente reconhecidos” (Bahia, 2024), a Secretaria da Educação, com o objetivo de apoiar os municípios no processo de implementação da capoeira em seus territórios, oferece, em regime de colaboração, apoio técnico-pedagógico, como forma de assegurar a efetividade da lei e promover uma educação pautada na compreensão da diversidade cultural e na justiça social.

A capoeira, enquanto expressão afro-brasileira, carrega uma profunda densidade histórica, reunindo elementos identitários, de pertencimento, da dança, música, ancestralidade e sacralidade. Sua prática remete à valorização das raízes africanas. Ao longo dos séculos, resistiu à marginalização e conquistou reconhecimento como patrimônio cultural imaterial brasileiro e da humanidade, legitimando-se também como ferramenta educativa.

Do ponto de vista pedagógico, sua inclusão no currículo escolar dialoga com os princípios da educação integral, interdisciplinar e antirracista. Como prática corporal e cultural, favorece o desenvolvimento humano (motor, cognitivo, afetivo e social) dos(as) estudantes, ao mesmo tempo em que estimula a valorização da cultura afro-brasileira, em consonância com as Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura e afro-brasileira, africana e indígena nas escolas.

Adotar a capoeira como componente pedagógico nas primeiras etapas de ensino, é, portanto, reconhecer sua potência educativa e transformadora. É promover uma escola mais plural, democrática e comprometida com a equidade racial. Dessa forma, a atuação da SEC em parceria com os municípios visa não apenas ao cumprimento do Decreto nº 23.204/24, mas a construção de políticas educacionais que reflitam o compromisso com os direitos humanos, com a diversidade e com a valorização das culturas de matriz africana, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos e conscientes de sua história.

AÇÃO 6

Realização do Festival Capoeira das Escolas

Fomentar nas unidades escolares vivências para a comunidade, através de Festivais de Capoeira, com ofertas de cursos, palestras e mostra de vídeos relacionados à temática da capoeira, valorizando os mestres e mestras da comunidade.

Trata-se de um momento de socialização do conhecimento, partilha de saberes ancestrais e mobilização cultural. O evento é uma oportunidade para o fortalecimento e aplicabilidade do artigo 26-A da Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Segue abaixo, sugestões para que a comunidade dialogue com os capoeiristas e organizem da melhor forma esse momento importante para o projeto:

Cursos e Vivências Formativas

As palestras configuram-se como importantes momentos de reflexão, escuta e diálogo, contribuindo significativamente para o fortalecimento do processo formativo das escolas. Constituem oportunidades de encontro entre professores(as), estudantes, pesquisadores(as), mestres e mestras dos saberes populares, favorecendo a circulação de conhecimentos e experiências entre o



campo acadêmico e as tradições orais.

Esses espaços de interlocução possibilitam que a comunidade escolar compreenda a capoeira para além de sua dimensão corporal, reconhecendo-a como uma prática social, filosófica e política. Por meio do diálogo e da escuta ativa, amplia-se a compreensão sobre as múltiplas formas de resistência e de construção de saberes afro-brasileiros.

Como sugestões de temáticas para esta edição, destacam-se:

- História da Capoeira na Bahia e lutas de resistência;
- Contribuições da cultura bantu e iorubana na capoeira;
- A relação entre a Revolta dos Búzios, a Revolta dos Malês e a capoeira;
- Capoeira e educação para as relações étnico-raciais;
- Capoeira: levantes populares e lutas de resistência.

Essas discussões favorecem o reconhecimento da capoeira como símbolo de liberdade e instrumento de emancipação, conectando o passado de luta à formação cidadã e antirracista do presente.

Mostra de Vídeos e Cine-Debate

Vivenciar uma obra da sétima arte é uma experiência estética e pedagógica que potencializa o aprendizado e estimula a reflexão crítica. Na contemporaneidade, o universo da capoeira oferece inúmeras produções audiovisuais que abordam suas dimensões históricas, culturais, filosóficas e identitárias, permitindo que estudantes e professores(as) ampliem o olhar sobre essa manifestação.

A realização de mostras de vídeos e cine-debates constitui, portanto, uma estratégia formativa que articula arte, memória e educação, fomentando o protagonismo estudantil e a leitura crítica das representações da capoeira nas telas. Entre as obras que podem ser exibidas e debatidas, destacam-se:

- a. Pastinha: uma vida pela capoeira
- b. Mestre Bimba: a capoeira iluminada
- c. Mestre Ezequiel: história e memória do regional mais angoleiro;
- d. Documentário da Salvaguarda da Capoeira na Bahia;
- e. Vadiação.

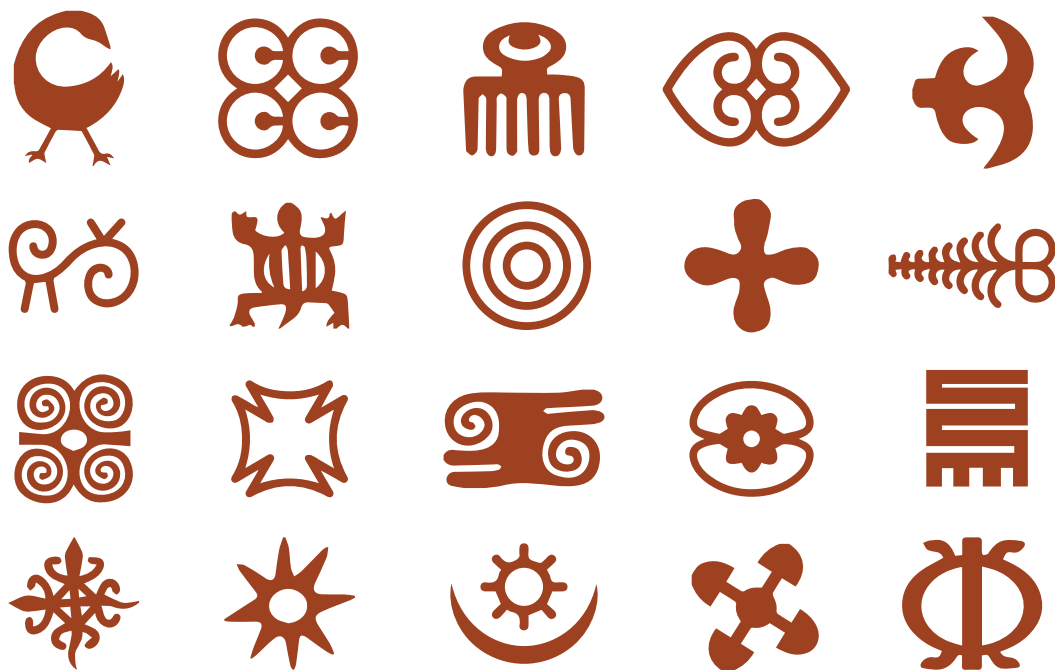


7 “ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM!”¹⁰

Ao valorizar a capoeira e o trabalho do(a) capoeirista, através do Projeto Capoeira das Escolas: movimento, identidade e ancestralidade, o Governo do Estado da Bahia promove uma política pública inédita, que inevitavelmente, será seguida por outros estados e municípios, principalmente, aqueles que possuem um passado histórico expressivo em relação à essa manifestação.

A capoeira entra nas escolas públicas como uma esperança de sensibilizar esse espaço educativo formal a respeito da importância do diálogo com os demais conhecimentos para uma formação mais humanizada. Significa, criar a possibilidade de fortalecimento da ancestralidade como consciência do ser e da reconexão com a sacralidade (corpo e natureza), pois a capoeira baiana, em seus fundamentos, estabelece em suas vivências essas perspectivas em seus rituais cotidianos.

Além disso, o projeto propõe a inserção da perspectiva afrocentrada com vistas a ressignificar a formação dos(as) estudantes baianos(as), favorecendo o desenvolvimento de práticas pedagógicas decoloniais, ao passo que fortalece um complexo formativo de valorização e fortalecimento cultural, em consonância com ações que estão previstas na LDBEN, no Estatuto da Igualdade Racial e no Plano de Salvaguarda do Estado da Bahia.



¹⁰ Música D.P.

Ô MESTRE, ONDE EU POSSO TE ENCONTRAR?

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os Velhos Capoeiras ensinam pegando na mão, in Caderno CEDES nº 68, vol 26 - Filigranas da Memória: intercâmbio de Gerações, Campinas, 2006.

ADINOLFI, Maria Paula Fernandes. Plano de Salvaguarda da Capoeira na Bahia. Salvador: IPHAN-BA. 2018.

ASANTE. Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In NASCIMENTO, E. L. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem inovadora. São Paulo: Sele Negro. 2009 (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

ASANTE. Molefi Kete. Afrocentricidade: teoria de mudança social. Phyladelphia: Afrocentricity International. 1988.

BAHIA. Governo do Estado da. Decreto nº 23.204 de 06 de novembro de 2024. Regulamenta a Lei 14.341/21, que dispõe sobre a Salvaguarda e o Incentivo da Capoeira no Estado da Bahia. Disponível em: Decreto 23204 2024 da Bahia BA. <<https://l1nq.com/LYTBs>> Acesso em: 13 jan. 2025.

BAHIA, Governo do Estado da. Manual de Programação Escolar 2025. Salvador. 2025. Disponível em: <MANUAL_DA_PROGRAMAÇÃO_ESCOLAR_2025.pdf>

BAHIA. Portaria 1381/2024. Institui o Projeto Capoeira das Escolas: Movimento, Identidade e Ancestralidade nas Unidades <<https://dool.egba.ba.gov.br/>> Escolares na Rede Estadual de Ensino. Disponível em: Diário Oficial Online. Acesso em: 13 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394/96, modificada pela Lei no 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 mar. 2008.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ME, 2004.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base – Ensino Médio. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. 2018. Acesso em 10 de abr. 2022.

CASTRO JÚNIOR, L. V., SOBRINHO, José. Sant’ Anna. O Ensino da Capoeira: por uma prática nagô. In. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V23. Nº 2. P. 89-103. 2002.

Chiziane, Paulina. Oralidade e Ancestralidade. Rio Grande do Norte: [s.n.], 2018. 1 vídeo. (28 min). Publicado pelo canal Café Filosófico. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk. Acesso em: 01 de dez. 2019.



COSTA, Neuber Leite. Capoeira, Trabalho e Educação. 2007. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação: Salvador. 2007.

COSTA, Neuber Leite. Capoeira, Política Cultural e Educação. 2013. 350 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação: Salvador. 2013.

COSTA, Neuber Leite. Afrocentricidade, ancestralidade e salvaguarda: reflexões necessárias. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Fortaleza: Ceará. 2023.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa. 25ª Edição. PAZ E TERRA. (Coleção Leitura)

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. Revista Currículo sem fronteiras, Porto Alegre, v. 12, n. 1, pp. 98-109, 2012. Disponível em: Acesso em: 09 set. 2020.

HAN, BYUNG-CHUL. O Desaparecimento dos Rituais: uma topologia do presente. São Paulo: Editora Vozes. 2021

OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

RUFINO, Luiz. Pedagogias das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

_____. O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro/Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 2002.

TRINDADE, Azoilda. Loretto da. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Infantil. Proposta Pedagógica, p. 30-36, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores e Referências Afro-brasileiras. In: BRANDÃO, Ana Paula (org.). A Cor da Cultura: Caderno de atividades, Saberes e Fazeres. Volume 3: Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.





GOVERNO
PRESENTE
**TRABALHA
PRA GENTE**